

apesar da crise constante, o reconhecimento nos festivais internacionais

"Eles não usam black-tie", filme dirigido por Leon Hirszman, baseado em texto teatral de Gianfrancesco Guarnieri, depois de ter recebido o 1º prêmio do

Festival de Cinema de Veneza, foi agraciado também na Espanha com o 1º prêmio da 26ª Semana Internacional de Valladolid. E qual é a situação

atual do cinema brasileiro? Para falar sobre a questão o Jornalzinho entrevistou Vladimir de Carvalho, cineasta, professor da Universidade de Brasília e

recentemente nomeado presidente da Associação Brasileira de documentaristas, com unanimidade de votos. Autor de "No País de São Saruê", longa-

metragem premiado em 79 no Festival de Cinema de Brasília, e de vários outros curtas como "Pedra da Riqueza" e "Inelância para um trem de ferro"

JBr — Qual a situação atual do cinema brasileiro?

Vladimir — O cinema brasileiro hoje está vivendo sob o impacto de suas maiores expressões, que vão sendo reconhecidas nos festivais do mundo inteiro. No entanto, este surto de qualidade e de afirmação artística do filme nacional, não vem sendo acompanhado de soluções que garantam a continuidade da produção e da fabricação econômica, financeira da nossa cinematografia, quer dizer, com todas as vitórias, dentro e fora do país, vivemos ainda a crise.

JBr — O que foi o cinema-novo?

Vladimir — Foi um movimento renovado do nosso cinema. O legado do cinema novo, especialmente a partir da atuação de realizadores como Glauber Rocha, Nelson Pereira dos Santos, Joaquim Pedro de Andrade, Roberto Santos entre outros, foi se multiplicando, foi disseminando uma mentalidade de reação ao filme estrangeiro e processando uma consciência que se preocupava especialmente com a realidade nacional, o homem brasileiro apresentado sem retoques, na sua luta para sobreviver e fazer sobreviver suas características culturais. Isto foi possível, com mais facilidade, e de forma contundente, antes do movimento militar que assaltou o poder no Brasil, amordaçou a nação e proibiu a livre circulação das idéias em todos os âmbitos. Especialmente de 68/69 até final da década de 70, passamos por um período de escamoteações, com esforço brutal para driblar o tempo da censura. Foram duros anos para os craques do cinema novo.

JBr — Quem foi Glauber Rocha para o cinema brasileiro?

Vladimir — Com a morte de Glauber Rocha, deu-se a oportunidade de os jovens assistirem os seus filmes que estavam nas prateleiras das cinematecas, nos depósitos de distribuidoras, e agora poderá ter início uma revisão de sua obra, talvez a mais importante realizada por cineasta brasileiro. Pela sua inquietação, pela virilidade com que comparava ao debate das idéias no campo do cinema ou qualquer outro que seja, Glauber se tornou uma espécie de monstro sagrado que de certa forma até amedrontava os seus contendedores. Acredito que agora começa a existir um posicionamento crítico mais isento e refletido, e que se chegue à dimensão mais próxima do valor da obra, longe da mitificação.

Muito semelhante a Villalobos, Glauber deixou uma obra de gênio, mas que vez por outra foi pontilhada de momentos que deixavam a impressão. Um exemplo é a sua "História do Brasil"

que ele próprio, lucidamente, considerava um filme inacabado. Mas, como disse Paulo Francis: "Nem daqui a cem anos vai pintar outro".

JBr — O que é a Embrafilm e qual a sua função?

Vladimir — A função da Embrafilm é estimular por todos os meios a produção cinematográfica brasileira e fazer com que ela chegue ao seu público natural, encarregando-se ainda, de distribuir o filme nacional de longa-metragem.

A Embrafilm foi uma conquista do cinema brasileiro, especialmente do chamado cinema novo, no final da década de 60. Nos últimos anos, tem enfrentado grandes dificuldades, justamente porque o crescimento do cinema brasileiro provocou uma reação dos setores ligados ao filme estrangeiro, aquele que é financiado pelo monopólio americano de cinema. Coincidia ainda que, com a crise econômica que atravessamos, a nascente indústria do cinema brasileiro teve de pagar um pesado tributo, isto é, um número de demasiadamente os seus recursos, e a Embrafilm como repassadora desses financiamentos, enfrentou e enfrenta sérias críticas.

JBr — O que significou a abertura para o cinema brasileiro?

Vladimir — A abertura proporcionou um impulso muito grande na área do cinema, deixando mais à vontade os realizadores que logo retomaram os temas de seu maior agrado. Na faixa do documentário, que é a que mais me interessa, podemos registrar o aparecimento de um verdadeiro ciclo que discute ângulos considerados tabus da nossa realidade. Logo em 79/80, surgiram filmes como "Canudos" de Ypojuca Pontes, que trouxe de volta a tragédia dos sertões de Antonio Conselheiro, "Raoni" de Antonio Carlos Saldanha, "Terra dos Índios" de Zelito Viana, um verdadeiro painel das lutas do índio brasileiro, e o nosso "País de São Saruê" na época, ficou quatro semanas em cartaz no Rio de Janeiro. Isto marcou o início de um período favorável que ainda estamos vivendo e cujo fruto mais recente é "Eles não usam black-tie" que trata do problema operário com grande liberdade e eficiência.

JBr — O que é realizado no Brasil para o público infantil-juvenil?

Vladimir — Praticamente não há quem se dedique no Brasil ao cinema de público jovem.

JBr — E por quê?

Vladimir — Primeiro porque é uma faixa muito especial e muito imprevisível. A aceitação é sempre muito improvável

como em qualquer gênero do cinema. Lembro-me do esforço de Flávio Migliaccio, que há muito tem tentando encontrar um caminho em direção às platéias infanto-juvenis, e o seu "Tio Maneco" é um personagem que, de certa maneira, encontrou ressonância entre os pequenos. Os Trapalhões, com todo o sucesso que faz, não me parece ser o melhor para a criança. Só eventualmente funciona, não tem uma proposta e os filmes são bastante alienados.

JBr — Por que não é veiculado o curta-metragem na programação infantil, já que, geralmente, ele tem censura livre?

Vladimir — O curta é muito sério como proposta e — não se preocupa, nem sei se seria o caso, com o público infantil. Talvez se o desenho animado fosse realizado com mais constância entre nós, poderia encontrar no público infantil o seu melhor consumidor. O caso é que o desenho animado demanda muito tempo para sua realização, o que termina por onerar a produção. São criadores dos desenhos do especial para TV "A Arca de Noé", têm grande talento e se quisesse (se pudesse), produziria maravilhosos desenhos para crianças.

JBr — Como vive o cineasta brasileiro longe dos grandes centros?

Vladimir — Brasília é muito peculiar enquanto centro que produz cinema. Como não tem um grande mercado de capitais, nem comércio, nem indústria, como o eixão Rio-São Paulo, Brasília teve de assumir o filme documentário para dar expressão àqueles que aqui se dedicam ao cinema — filme de ficção, que é o grosso do cinema comercial, não teria como ser produzido em Brasília. Aqui não há meios para tanto. O cinema aqui, gravita em torno do curso de comunicação da Universidade. A maior parte dos cineastas brasileiros saíram dos bancos da Universidade. A Associação Brasileira de Documentaristas que agora dirijo, congrega esses jovens realizadores que têm como meta criar em Brasília um grande núcleo de produção de documentários, visando fixar a realização do Planalto Central como um amplo portal de cultura brasileira, fixando-se os índios do Xingu, e do Araguaia, as cidades barrocas do interior goiano, a vida rural e seu bucolismo, e também a transformação por que passa essa esquina do mundo, essa cidade planetária que é Brasília. Aqui se reflete toda a contradição da sociedade brasileira, desde a miséria do campo, que se refugia, na sua periferia, e cujas favéolas o oficialismo tenta escamotear com

programas que não atendem o interesse das populações.

Talvez, pela seriedade dessa proposta, o documentário brasileiro não tenha alcançado em todos esses anos o apoio que tanto merece. O documentário cinematográfico já inscreveu Brasília no mapa cultural do país. São vários os exemplares, mas o nosso cineasta vive à margem de uma moviola, um instrumento que se encontra em toda esquina do Rio de Janeiro, e olha que aqui é a capital do país. Aqui há recurso para tudo. Faz-se festivais de escritores, concursos literários, certames musicais, com prêmios assegurados, mas não existe por exemplo um concurso de roteiros cinematográficos, o que funcionaria como um estímulo ao jovem cineasta candango.

JBr — O que representa o festival de cinema de Brasília para o mundo cinematográfico?

Vladimir — O Festival de Cinema de Brasília é o mais importante do país, mas nos últimos anos tem sofrido um gran-

de mal em sua organização. Houve um movimento o ano passado que reivindicava um Festival mais objetivo, que de fato consultasse os interesses do cinema brasileiro e fosse isento de badalado. Tomou-se esse ponto de vista da seriedade em termos estritos, quer dizer, exagerou-se nas tintas: reduziu-se o número de convidados, retirou-se a hospedagem do hotel que tradicionalmente recebia os artistas, diretores e técnicos; eliminou-se diversos eventos e encontros. Deliberadamente, tentou-se esvaziar o Festival. Esse ano, o esforço da Fundação e da Embrafilm será no sentido de novamente se restaurar o Festival de Brasília. Para nós, o principal é que se encontrem uma forma de torná-lo permanente, como uma conquista de nossa comunidade, o que é um exemplo para o Brasil. Não é à-toa — que vamos fazê-lo pela 14ª vez. Não é possível mas se repetir a afiliação de todos os anos, quando se aproxima a data do festival, e não se sabe se ele será realizado ou não.

